

Gilberto Freyre

Breve Biografia:



- Gilberto Freyre (1900-1987), nascido em Recife-PE, foi dos maiores sociólogos e antropólogos brasileiros, sendo dos intelectuais mais premiados da História do país, tendo os seus estudos iniciais na área, na Universidade Baylor, no Texas e na Universidade de Columbia, onde defendeu a sua dissertação de Mestrado com o título "Vida social no Brasil nos meados do século XIX".
- Em 1933, em meio ao governo de Getúlio Vargas, Gilberto Freyre publicou a sua obra mais famosa Casa-Grande & Senzala, e na vida pública ocupou a presidência da UDN em Pernambuco. Durante a República Democrática (1946-1964), Freyre defendeu o golpe militar de 1964 e foi membro do Conselho Federal de Cultura durante o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1975).

Casa-Grande & Senzala:

- A obra Casa-Grande & Senzala foi escrita em meio a uma forte tentativa de construção da Identidade Nacional Brasileira, valorizando as várias etnias e culturas que contribuíram para a formação do país, e assim, é uma dos primeiros estudos que definem o conceito de Democracia Racial, pois para Freyre, as relações sociais na História de nosso país, tendiam a ser harmônicas, porém, foram abaladas pela indústria do açúcar e pela escassez de mulheres brancas.

- Gilberto Freyre via a miscigenação como algo positivo no sentido de encurtar distâncias sociais. Essa valorização, se contextualizarmos com o momento em que a sua obra foi escrita, parte ao encontro do projeto de nação proposto no século XX, com a tentativa de resolver conflitos de classe, gênero e raça.
- “A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações - as dos brancos com as mulheres de cor - de “superiores” com “inferiores”, e no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre essa base. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala.”

Povos Indígenas:

- Ao estudar o contato com entre as culturas europeia e ameríndia, Gilberto Freyre afirma que diferente de espanhóis e ingleses, os portugueses tiveram contato com uma cultura rasteira e inferior aos que as outras nações encontraram, sem grandes templos, adoração a deuses e hierarquia, afirmando muitas vezes a “inferioridade cultural” dos povos indígenas no Brasil. Essa visão do autor, ainda define que a postura do indígena foi mais vegetal do que mineral, alegando que até mesmo na agressão ao invasor, sua postura foi mais branda.
- “híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura advéncia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado”.
- “As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho.”
- “À mulher gentia temos que considerá-la não só a base física da família brasileira, aquela em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a energia de reduzido número de povoadores europeus, mas valioso elemento de cultura, pelo menos material, na formação brasileira. Por seu intermédio enriqueceu-se a vida no Brasil, como adiante

veremos, de uma série de alimentos ainda hoje em uso, de drogas e remédios caseiros, de tradições ligadas ao desenvolvimento da criança, de um conjunto de utensílios de cozinha e de processos de higiene tropical - inclusive o banho frequente ou pelo menos diário, que tanto deve ter escandalizado o europeu porcalhão do século XVI.”

Os portugueses:

- Para Gilberto Freyre, os portugueses, mais do que qualquer outro povo colonizador, como espanhóis ou britânicos, era voluptuoso com mulheres exóticas, as indígenas, segundo as suas concepções. Ou seja, davam uma importância maior aos prazeres sexuais.
- Em relação a questão colonizadora, segundo Freyre, os portugueses, por uma questão cultural formaram latifúndios na colônia e se tornaram donos da maior civilização moderna.
- Mas, onde o processo de colonização europeia afirmou-se essencialmente aristocrático foi no norte do Brasil. Aristocrático, patriarcal, escravocrata. O português fez-se aqui senhor de terras mais vastas, dono de homens mais numerosos que qualquer outro colonizador da América. Essencialmente plebeu, ele teria falhado na esfera aristocrática em que teve de desenvolver-se seu domínio colonial no Brasil. Não falhou, antes fundou a maior civilização moderna nos trópicos.
- Para justificar a ação colonizadora dos portugueses sobre outras culturas, Gilberto Freyre combate o entendimento de que houve a problemática racial por parte dos portugueses, e defende a justificativa da intolerância religiosa, e por isso, novamente remete a ação das missões jesuíticas no Brasil.
- “Quase o mesmo ódio que se manifestou mais tarde no Brasil nas guerras aos bugres e aos hereges. Principalmente aos hereges - o inimigo contra quem se uniram energia dispersas e até antagônicas. Jesuítas e senhores de engenho. Paulistas e baianos. Sem esse grande espantinho comum talvez nunca se tivesse desenvolvido “consciência de espécie” entre grupos tão distantes uns dos outros, tão sem nexos políticos entre si, com os primeiros focos de colonização lusitana no Brasil. A unificação moral e política realizou-se em grande parte pela solidariedade dos diferentes grupos contra a heresia, ora encarnada pelo francês, ora pelo inglês ou holandês; às vezes, simplesmente pelo bugre.
- “Repetiu-se na América, entre portugueses disseminados por um território vasto, o mesmo processo de unificação que na Península: cristãos contra infiéis. Nossas guerras

contra os índios nunca foram guerras de branco contra peles-vermelhas, mas de cristãos contra bugres. Nossa hostilidade aos ingleses, franceses, holandeses teve sempre o mesmo caráter de profilaxia religiosa: católicos contra hereges. Os padres de Santos que em 1580 tratam os ingleses da Minion, não se manifestam contra eles nenhum duro rancor: tratam-nos até com alguma doçura. Seu ódio é profilático. Contra o pecado e não pecador, diria um teólogo. É o pecado, a heresia, a infidelidade que não se deixa entrar na colônia, e não o estrangeiro. É o infiel que se trata como inimigo do indígena, e não o indivíduo de raça diversa ou de cor diferente.”

- O Direito português iniciou-se, não sufocando e abafando as minorias étnicas dentro do reino - os mouros e os judeus - suas tradições e costumes, mas reconhecendo-lhes a faculdade de se regerem por seu direito próprio e até permitindo-lhes magistrados à parte, como mais tarde no Brasil colonial, com relação aos ingleses e protestantes.

Os Africanos:

- O “O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro” é o conteúdo de Casa-Grande & Senzala que Gilberto Freyre deu mais ênfase, devido aos séculos de comércio de pessoas escravizadas da África ao Brasil e pela grande contribuição cultural que as várias culturas advindas do continente tiveram na formação do país.
- Gilberto Freyre, na defesa da miscigenação, aponta a predileção dos negros e brancos portugueses que viviam no Brasil para a vida sexual, acontecendo no dia a dia da sociedade açucareira, devido a ama de leite.
- “Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com a ama de leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas. A importância psíquica do ato de mamar, dos seus efeitos sobre a criança, é na verdade considerada enorme pelos psicólogos modernos (...) É verdade que as condições sociais do desenvolvimento do menino nos antigos engenhos de açúcar do Brasil, como nas plantações ante-bellum da Virgínia e das Carolinas - do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil - talvez expliquem por si sós, aquela predileção.”
- Gilberto Freyre rebate a tese de que a cultura dos africanos era inferior a das sociedades indígenas, e vai além, defende que na verdade eram superiores até mesmo do que os portugueses. Por isso, tece as suas críticas aos conceitos adotados pelo Darwinismo Social e pela Eugenia, muito utilizadas em fins do século XIX e início do século XX.

- O autor também demonstra a sua disposição em esclarecer que não existe apenas uma cultura advinda da África, e sim diversas, as definindo e até mesmo classificando-as em relação aos interesses da colonização.
- “Parece que para as colônias inglesas o critério de importação de escravos da África foi quase exclusivamente o agrícola. O de energia bruta, animal, preferindo-se; portanto, o negro resistente, forte e barato. Para o Brasil a importação de africanos fez-se atendendo-se outras necessidades e interesses. À falta de mulheres brancas; às necessidades de técnicos em trabalhos de metal, ao surgirem as minas. Duas poderosas forças de seleção.”
- “Se há hábito que faça o monge é o do escravo; e o africano foi muitas vezes obrigado a despir sua camisola de malê para vir de tanga, nos negreiros imundos, da África para o Brasil. Para de tanga ou calça de estopa tornar-se carregador de tigre. A escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. Dentro de tal ambiente no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão o imoral, de que tanto o acusam.
- Passa por ser defeito da raça africana comunicando ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. Mas o que se tem apurado entre os povos negros da África como entre os primitivos em geral já o salientamos em capítulo anterior, é maior moderação do apetite sexual que entre os europeus. É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estímulos picantes. Danças afrodisíacas. Culto fálico. Orgias. Enquanto no civilizado o apetite sexual de ordinário se excita sem grandes provocações.”

Anotações: